

PRIMEIRO DE ABRIL

L. B. Bontura

ASSIGNATURA
Cidade: trimestre... 15500

Periodico commercial, utilitario
e recreativo

ASSIGNATURA
Cidade: trimestre... 2000

REACTORES DIVERSOS--Laguna, 9 de Julho de 1884--PUBLICAÇÃO SEMANAL N. 44

Os artigos e escriptos serão apresentados a Pedro Gonçalves de Oliveira. Os autographos que não forem publicados deixarão de ser restituídos. Os que versarem sobre interesse geral serão publicados gratis.

PRIMEIRO DE ABRIL.

9 de Julho de 1884

A materialização da sociedade.

A propensão que ha, em nossos dias, para a materialização da sociedade, procurando-se apertar ou arrancar a fé, e corrompendo-se os bons costumes, por todos os meios imaginaveis, e que possam excitar as paixões, é inexplicavel, ou só se pode attribuir á uma causa occulta, mas intelligente e bem propaganda.

Isto é intuitivo á quem, por pouco, e considere as circumstancias do mundo.

E' uma causa que, levada por um principio diabolico, pretende ressuscitar o paganismo, guardar a religião affastando a sua influencia, e revolucionar as nações. E os homens, que

presumem representar a humanidade, sonham com o progresso e imaginam nações á seu modo, sem Deus, sem fé e sem crenças! E, neste caso, quem poderá fazer que um povo subsista e se conserve, por muitos seculos, sem religião, no meio de tantas causas de destruição? Quem não comprehenderá que as mil rodas desse immenso machimismo não acabem por gastar-se ou inflamar-se?

Eis dez, vinte e trinta milhões; são outras tantas vontades diferentes, oppostas, hostis; como se fundem pouco á pouco na unidade?

Não ha unidade social sem o sacrificio dos interesses de cada um ao interesse de todos. E, só pela religião, o homem conhece este dever.

Comprehendemos que, em uma sociedade, não-há somente grandes e pequenos, ricos e pobres; ha um poder e subditos, o direito de mandar, e o dever de obedecer.

Eis o poder com uma das

mãos se apoia na lei, e com a outra na força; quem o impedirá de succumbir á mais formidavel das tentações, ao desejo de fazer tudo o que quer? Mas, em face d'este orgulho soberano, eis um outro orgulho não menos detestavel:—um povo cansado de obedecer, de trabalhar e de sofrer, que vê acima d'elle a lei que deseja, á principio, e depois, a obediça. O que fazer para que essas leis leões não se devorem?

Quem torá no coração dos chefes a humildade, a moderação, a dedicação, e no coração do povo, a obediencia e o respeito á lei e a religião?

Esta sendo abolida, desprezada pelo povo, o que a substituirá?

O que será de um povo de cujo seio é repellida a omnipotencia de Deus? Quem nos ensinará a obedecer d'elles virá o poder?

Penetramos da necessidade do respeito religioso no povo, as doutrinas mais famosas da antiguidade, as mais graves, e se-

breve-lo as mais sabias, para viverem longo tempo, faziam constituições profundamente religiosas.

Quanto mais punham a religião nas leis, nas instituições, nos poderes, nos costumes, tanto mais esperaram durar. Vê-se hoje o contrario; materialisa-se o povo, repelle-se Deus de tudo.

« Xenophonte dizia, as cidades e as nações as mais dadas ao culto divino, têm sempre sido as mais duradouras, e as mais sabias, e os seculos os mais religiosos, em sempre são os mais distinguídos pelo génio. »

Ahi está a historia, e ella nos mostra que as nações as mais poderosas e duradouras brillaram sempre sob a influencia do espirito religioso. As nações, a sociedade e as familias, não puderam prescindir de Deus. E nelle e nelle só que todos acham a idéa do poder, da justiça e do direito; a idéa da liberdade e responsabilidade; a idéa da obediencia, do dever e do sacrificio. Fora de Deus, a sociedade será uma reunião de forças, entre as quaes dominará a força physica, ou, então, um montão de pedras sem cimento.

UMA MÃE

É o mysterioso berço do homem, sympathico tempo de esperanza, luminoso facho da fé, mimosa es-

cola do amor, maviosa harpa do sentimento, suavissima lyra do dever, radiante sacrario de todas as virtudes, formoso altar de todos os preitos, fonte pura de todos os affectos, imagem viva de todos os sacrificios, amor extremado entre todos os amores,—uma mãe tem sempre o coração aberto para todas as maguas, coragem prompta para todos os martyrios, perdão immenso para todas as affrontas, doce ternura para todas as expaões, sorriso angelico para todas as alegrias e esplendida revelação da providencia divina para todos os filhos. Uma Mãe, não ha lagrimas amargas que seus labios não enxuguem, não ha dores intensas que o seu coração não absorva, não ha desalentos profundos que o seu carinho não robusteça, não ha loucos desesperos que a sua esperanza não console, não ha chagas horrendas que o seu balsamo não cicatrize, não ha vazio immenso que o seu amor não preencha, não ha flor murcha que o seu cuidado não erga, não ha arvore cahida que a sua coragem não levante, não ha planta crestada que as suas lagrimas não vivifiquem, não ha abyssos tenebrosos que a sua alma não transponha, não ha descrença moribunda que a sua fé não apague, não ha, emfim, dores lancinantes que o seu seio não agasalhe.

Um dia,—refere Mgr. Dupanloup, bispo de Orleans,—em um desses obscuros recessos de Pariz, onde se refugia a mais triste das miserias,

encontrou-se, no ultimo andar de um predio, uma pobre mulher e uma formosa creança. Esta vivia ainda, mas a mulher estava morta a seu lado. Um pedaço de pão que escapara de suas mãos inertes, e que ella, moribunda e agonizante, apresentara á desditosa criança, attestara que o derradeiro suspiro de seu coração fora para o filho das suas entranhas.

Essa creatura desgraçada e sublimis era mãe!

O amor da mãe, é como o mavioso cantico da avesinha que nos deleita, o precioso aroma da flor que nos embriaga, a esplendida aurora boreal que nos deslumbra, o lento e melancolico desolhar do crepusculo que nos embala, o raiar do boreal purpureo resister-de-arabes que nos extasia, a tremula variação do norte que nos affiga; é como a formosa estreita da manihã que nos conduz, o cante tempo e suavissimo que nos commove; é como a dôr, magoada de saudade, que nos fere, é como a amoravel Cruz do Golpho que nos abraça; é como o fulgido céu estrellado de virtudes que nos attrahe; é, emfim, o mysterioso orvalho da celestial bemaventurança que nos salva.

CAIAMENTO.—já tivemos occasião de vêr o caiamento feito na rua Tenente Bessa desta cidade, mandado fazer pela nossa camara municipal; achamos regular, pelo menos, melhor do que estava;

muito sendo para dezejar que, o mesmo se faça nas ruas do «Caes», «Primeiro de Março», e «Voluntario Benevidas», attenlendo ao estulo em que ellas ficam sempre que ha chuvas.

AINDA SOBRE O ASSEIO DA PRAIA.—Com quanto já se dêsse começo, a serem removidos os diversos materiais que se achavam atirados na praia da nossa cidade, pelos seus respectivos donos, com tudo ainda existem grande quantidade que não foram retirados, e eslimos mesmas convictos de que não o serão; salvo se a illustre edilidade impuser multa ou outra qualquer para aos lons. Entendemos que, uma vez que a camara deu começo a isso, deve acabar, ainda que tenha de lançar mão d'aquelle expediente; é muito justo que ella não fique desprestigiada.

MERECE CADEIA.—Consta-nos que em uma das noites da semana passada, fingiram na porta da casa do nosso amigo o Sr. Varella, um barril de materias fecaes.

É admiravel que isto ainda se faça, e que até hoje se não tenha decuberto a pessoa que praticou tão revoltante quão nojenta vingança.

O Sr. Varella, é um bello moço, que exerce a sua profissão de barbeiro, nesta cidade, e não nos consta até hoje que tenha dado motivos para soffrer tão asperoso insulto

o contrario, gosa até de brystante sympathia.

INDUSTRIA DOS PHOSPHOROS.
—Para fazer-se uma idéa da importancia da industria dos phosphoros de Jonkoping basta saber, se que durante o verão passa do não menos de 20 vapores o de navios á vela ali chegarão com 200.000 pés cubicos de madeira, da qual se fazem os phosphoros.

O QUE FAZ UMA IMPRUDENCIA.
—Muitos fumistas têm o mau costume de lançar pela janella fora as pontas de charuto ou de cigarro, estando ainda accêsas. Eis um caso, referido por um jornal francez, que prova os inconvenientes deste mau costume.

Um medico, que traz habitualmente collarinhos muito salientes, passava ha dias na rua de Vauglcard, em Pariz, quando de repente lhe cahia no piseo) uma ponta de charuto. Sentiu-lo-se queimado, fez grandes esforços para retirar o objecto inflamado, que de cada vez cahia mais pelo corpo abaixo, queimando-o nos rins.

Entrou precipitadamente em uma loja de vinhos, mas quando conseguiu tirar o sobretudo, casaco, collete e camisa, já estava queimado em diversas partes das costas.

O tal sujeito não sabia quem lhe lançara a ponta do charuto, mas um transeunte apertou a janella

por onde fora lançada, e por isso o medico foi fazer as devidas declarações na estação policial mais proxima.

Feitas as competentes investigações, averiguou-se que a ponta do charuto fora lançada por um individuo, proprietario, que reconheceu quanto fora imprudente. Promittiu-se a indemnisar o medico, mas este, cujas queimaduras são bastante graves, declarou querer que fosse intentado processo, que se fez.

UM FACTO DEVERTIDO.—D. italianos, cada um com seu balúfolha, dirigiam-se a um certo sitio; venderam algzendas; jantaram e pedirsuda.

No dia seguinte, em quanto esperavam pelo almoço, entraram em conversação com o dono da caza, e este contou-lhes alguns roubos que por aquella paragem já se tinham dado antigamente, e que os ultimos rouba-los, foram dous mascotes italianos; um dos mascotes, que fallam melhor, quando contar que os ultimos roubados eram italianos, não deixou de lhe causar certo susto, porque desfargou. Posto o almoço na mesa; o dono da caza chegou a uma porta que dava para o interior, e gritou chamando as pessoas de sua familia, da seguinte forma:

—«Oh! Lá do dentro, vamos a elle.»—Os italianos assim que ouviram o dono da caza que não co-

nhciam, dizer vamos a elle, sup-
puseram que era para lhes matarem
e roubarem, sahiram, pela porta
fóra, ás carreiras, direitos a uma lagoa,
e quanto mais o dono da caza
chamava por elles, mais elles fugi-
am, até que afinal, mandou o mes-
mo dono da caza quatro empregados
dos que tinha para trazerem os italia-
nos a fim de almoçarem e retirar-
rem os bahus; porém ao avistarem
os italianos os quatro homens, en-
tão atirarão-se na lagoa, sendo por
fim [sempre agarrados, e na luta
que se travou, dizia um d'elles a
um dos empregados do homem:

—«Oh! senhorr, que ques-
tão de homem que num me mata, que d'
alle bahulhe de roupa, tuti quanti-
niento ganhoun. Oh! io não quer
morre. Ah! gente latron, se io sabe
num venia cá. O pobre italiano
vendo que o seu conductor nada
lhe dizia, exclamou chorando e com-
raiva:

—«Oh! diable, larga en, se me
mata mim vai faz queixa a mis-
tro cunsuli; larga io latron».

ROUBO—Na noite de 7 do
corrente, tendo chegado do Tu-
barão José de tal com uma ca-
noa carregada de milho em sac-
cado, deixou-a amarrada em
frente ao trapicho da agencia
do vapor S. Lourenço, e, horas
depois, ao clarear o dia, indo

descarregal-a, deu pela falta
de seis saccoes, ignorando até o
presente, quem fora o larapio,
e a senhora policia sempre dor-
mindo a somno solto:

»—«

Uma sogra, escrevendo uma lon-
ga carta para uma pessoa de sua a-
misade, acrescentou no fim:

P. S. — Esquecia me dizer-lhe
que meu geuro morreu hontem.

»—«

Entre marido e mulher. Scena
intima.

—Já não te posso aturar. Vai
para o diabo!

—Como és ingrata! e eu que
todos os dias peço a Deus que te le-
ve para o céu.

SECÇÃO LIVRE

Economia.

Illm. Sr. Redactor.

Rôgo o favor de estampar,
pelo menos umas trez vezes, no
seu bountinho jornal, X de A. B. C.,
estas rúles linhas que se se-
guem: —Sou assignante do mes-
mo, e em chegando o dia mar-
cado em que elle tem de sahir
a publicidade, e me vir as mãos,
apparese, me logo do manbã cé-
dinho em nossa ceza, um certo
gandulo, que podendo ser em-

coenta annos assignante, quer
ler o jornal sem pagar, assim a
lata de bobo, isto seguidamen-
te; outras vezes manda busca-
o inprestado, e só me devolve já
um tanto cêbento, emfim sr.
redactor, é uma patifaria mistu-
rada com pouca vergonha,

Não é que eu faça questão
de impresal-o a qualquer pes-
soa uma ou outra vez; mas a
um sr. B. que não poupa di-
nheiro para e usas atôa, e quer
agora com isto fazer economia,
é miseria, e miseria de 500 reis
por mez.

Concluindo, declaro a V. S.,
que si, á despeito destas linhas,
ainda continuar no vezo o refe-
ri-lo gandulo, prometto declarar
o nome do tal sovina.

Seu cr.

X.

ATTENÇÃO



Vendo-se um bom relógio de
ouro, de dar corla pelo pá. In-
formações nesta typographia.

Typ. A Verdade